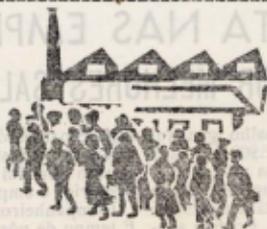


«O TÊXTIL»
É O TEU
JORNAL
LÊ E
DIVULGA-O



O
TÊXTIL

ÓRGÃO DE UNIDADE DA CLASSE TÊXTIL

PAZ
EM
ANGOLA
E NA
GUINÉ

TEMOS QUE MUDAR DE TÁCTICA

Hoje, quem é que de nós ignora que, para alcançarmos nem que seja um pequeno aumento de salários ou melhores condições de trabalho, é preciso, na maioria dos casos, recorrermos às mais variadas formas de luta contra o patronato e todos aqueles que o defendem?

Certamente que também nenhum de nós ignora que o Sindicato e o I.N.T.P. são organismos que têm como objectivo a defesa dos interesses dos nossos exploradores. Os seus dirigentes não são mais que fiéis lacaios ao serviço do patronato.

E, sempre que nós, mesmo na base das leis fascistas, pretendemos meter homens honestos na direcção do Sindicato a que pertencemos, os ministros fascistas não sancionam a direcção por nós escolhida, nomeiam comissões administrativas da sua confiança ou mantêm a direcção contra a qual a classe votou.

Igualmente podemos dizer que nenhum de nós ignora que só com a nossa luta unida, firme e consequente forçaremos o patronato e os dirigentes fascistas a satisfazerem as nossas reclamações.

Para isso, é preciso saber como se deve conduzir a luta que em dado momento estamos dispostos a iniciar, e levá-la até ao fim. É preciso saber mudar de tática na luta que estamos a travar quando as circunstâncias o aconselhem.

A luta tem várias fases

Desde as exposições e abaixo-assinados ao trabalho de cêra diminuindo a produção, concentrações e mesmo greves, são fases por que podemos passar, tendo em conta a disposição dos operários.

Assim, quando os patrões da Fomcar pretendiam, em Dezembro de 1952, forçar os seus operários a usar um fato de trabalho uniforme pago pelos próprios operários, estes resistiram durante 4 meses a

essa exigência patronal. Ao fim desses 4 meses, os patrões conseguiram, sob ameaça de despedimento, impôr nos operários a sua exigência.

Ninguém duvida que a recolha de assinaturas para o abaixo-assinado que enviaram aos patrões foi um bom trabalho dos operários dessa empresa. E a prova é que durante esses 4 meses os patrões fo-

(continua na 3ª pág.)

ATENÇÃO ÀS ELEIÇÕES SINDICAIS!

Quem é que da classe não conhece ou pelo menos não tem ouvido falar no actual presidente da direcção do Sindicato Têxtil do Porto, Domingos da Costa e Silva, sócio nº 5.593 do mesmo Sindicato, que tem uma serração em Vila da Feira e trabalha no armazém da empresa Breiner, cujo patrão, um tal Antónílo dos Santos Rosa, dá todas as facilidades para desenvolver a sua actividade anti-operária?

Igualmente quem é que não conhece ou não tem ouvido falar no actual presidente da Assembleia Geral do mesmo Sindicato, António

José da Cunha Meireles, sócio nº 248, que é o chefe geral da empresa Companhia Fiação e Tecidos, situada na Avenida Fernão Magalhães Porto, e onde trabalham uns 400 operários, na maioria mulheres?

Este rafeiro do patronato e laiaio dos dirigentes fascistas dos organismos corporativos, apoiado pelo seu patrão Alberto Tasso Parry de Sampaio, obriga com ameaças de despedimento as operárias a trabalharem com 8 e 10 teares.

A maior parte das vezes, estas operárias que trabalham de empfei-

(continua na 4ª pág.)

Comemoremos o 5 de Outubro

Faz 54 anos no dia 5 de Outubro que foi implantada a República no nosso País. A comemoração desta data, apesar de sistematicamente contrariada pelo governo fascista de Salazar, têm-se transformado em jornada de confraternização republicana e de manifestação anti-fascista, sempre que republicanos e democratas se unem e se dispõem a tomar iniciativas.

Este ano, como nos anos anteriores, a ditadura fascista de Salazar irá fazer tudo para impedir a comemoração desta histórica data pelas forças anti-fascistas. Mas, este ano, tal como nos anos anteriores, as forças anti-fascistas comemorarão a data das mais variadas formas.

Assim como o derrubamento da monarquia e a implantação da República em Portugal, em 1910, foi obra dos republicanos, o derrubamento da ditadura fascista e a implantação de um regime democrático é nacional no nosso País, terá que ser obra de todos os anti-fas-

(continua na 4ª pág.)

INTENSIFICA-SE A LUTA NAS EMPRESAS CONTRA A EXPLORAÇÃO E POR MELHORES SALÁRIOS

ZONA TÊXTIL DA CUF (BARREIRO)

O problema do aumento de salários dos nossos companheiros e companheiras da Zona Têxtil da Cuf mantém-se estacionário (...) e no entanto, o custo de vida continua a subir). No fim do ano passado, largas dezenas de companheiras nossas dirigiram-se ao Jorje de Melo, quando este fez uma visita à fábrica, para reivindicarem a integração dos 4500 da chamada «actividade» no salário. Parece que o sr. Melo não gostou da acção das nossas companheiras. Pois se não gostou tanto pior para ele!

Operárias têxteis da Cuf! Não vos imporeis com o que o sr. Melo gosta ou não gosta. A vossa reivindicação é justa e deveis exigir a sua completa satisfação, pressionando o vosso delegado na CIE para que este a apresente nas suas reuniões com a administração, concentrando-vos todas na gerência, mobilizando os vossos camaradas das outras secções para que apoiem a vossa luta. Não deveis descurar nenhuma forma de luta até alcançardes a vitória!

Se vos mantiverdes unidas e se lutardes com audácia, será vossa a vitória!

FÁBRICA DE MALHAS DE Castanheira do Ribatejo

Nesta fábrica, pertencente a Ovídio Pereira dos Santos, praticam-se arbitrariedades de toda a espécie. As operárias, na sua hora de almoço, não podem sair do portão da fábrica, a não ser aquelas que vão almoçar a casa. As outras, se o fizerem, são vergenhosamente, admoestadas e castigadas.

Recentemente, quando umas operárias se encontravam fora do portão, na sua hora de almoço, a mulher do patrão sem cerimónia nem respeito chamou-lhes «caras sem vergonha», que nada tinham que fazer ali e que fossem para dentro que depois se veria o resto, o qual foi nada mais nada menos que três dias sem trabalho.

Há uma operária incumbida de denunciar qualquer operária que, segundo a opinião dos patrões, não

se porte bem no trabalho, ganhando um prémio de 5000 por cada denúncia. E, caso essa mísera operária não o faça, é-lhe descontada no ordenado a importância de 5000.

Além de tudo isto, existem aparelhos de escuta dentro da fábrica. À saída são revistas por uma mulher que as obriga a despirem-se numa casa de banho. Foi também afixado que toda aquela que não trouxesse tesoura seria castigada.

Operárias de Castanheira do Ribatejo! A exploração de que sois vítimas não pode continuar, pois é infamante! Deveis lutar contra ela, recusando-vos a cumprir os castigos que vos aplicam arbitrariamente. Recusando-vos a despir e não aceitando a revista ao que é vosso. Deveis denunciar e desmascarar os operários e operárias que façam serviço de polícia-patronal e não hesiteis em «chegar-lhes a roupa ao pélo»!

A hora do almoço é vosso! Deveis aproveitá-la como entenderdes, saindo dos portões da fábrica. Não aceiteis a prisão que vos impõem! Bem bastam as horas de trabalho, quanto mais as horas de almoço!

Organizai-vos! Desenvolvei e reforçai a vossa Unidade! Obrigai o Ovídio a recuar nas suas arbitrariedades!

FÁBRICA DO VIOLAS (ESPINHO)

A exploração nesta fábrica continua a aumentar. Depois das perseguições e intimidações que os operários e operárias sofreram nas vésperas e no próprio dia 1º de Maio deste ano. Depois da imposição que recaiu sobre os operários, com a qual o Violas queria que eles pagassem os fatos-macaco, pretendendo ainda por cima vender-lhes os mesmos mais caros que o seu custo no comércio da região. — mais uma roubalheira acabam de sofrer os operários e operárias desta fábrica. Foram-lhes retiradas algumas regalias que tinham no horário de trabalho de verão, e obrigados a trabalhar como se já estivessem no horário de inverno.

Como era de esperar, semelhante roubalheira provocou a maior in-

dignação, não só dos operários, mas também do restante pessoal, porquanto ela foi estensiva a todos, operários e empregados.

Companheiros da fábrica Violas! É tempo de pôr um travão à exploração de que sois vítimas! Recusai-vos a trabalhar pelo horário de inverno!

Formai uma comissão de unidade que oriente e dirija a vossa luta e, apoiando massivamente, firmemente, a vossa comissão, obrigai o Violas a conceder-vos aquilo a que tendes direito. Forçai-o a recuar, reduzindo a produção. Exigi mais salários e ordenado. Em frente companheiros!

FÓNCAR (PORTO)

A gerência quer que os operários andem todos de fato de trabalho igual e ostentem uma chapa, a fim de que metam figura aos olhos dos visitantes. Acontece que as chapas se partem facilmente, pretendendo a gerência que sejam os operários a pagá-las, assim como quando se perdem. Porém, os operários não estão dispostos a isso (embora aceitem envregar a indumentária). Já houve casos de recusa a esse pagamento. Neste momento, estão a proceder a um abaixo-assinado, que já contém umas 200 assinaturas (população da empresa—400 operários), onde protestam contra as exigências da gerência. A posição dos operários é esta: Não querem pagar as chapas partidas ou perdidas; o interesse é dos patrões; se querem que eles andem com as chapas, paguem novas, quando se partem ou perdem.

CUF (MATOSINHOS)

Na surcural que a CUF possui em Matosinhos e que é utilizada no fabrico de linhagem, os operários reivindicaram, em Maio último, aumento de salário junto da gerência. Como não tivessem uma resposta favorável, esperaram uma semana pela decisão definitiva. Ao fim dessa semana, vendo que a sua reivindicação não era atendida, não pegaram no trabalho na segunda-feira seguinte. A represália da gerência não se fez esperar: foram imediatamente despedidos.

TEMOS QUE MUDAR DE TÁCTICA

(continuação da 1ª pág.)

ram impotentes para impôr a sua exigência.

Mas, era necessário passarem a outra fase de luta, já que com a primeira os operários dessa empresa não conseguiram demover os patrões dos seus intentos.

O mesmo pôde acontecer agora em relação à chapa que o patrão pretende que eles usem no fato de trabalho, se não estiverem vigilantes e decididamente dispostos a passar a outra fase de luta, superior à do abaixo-assinado.

A mesma questão se põe em relação à luta desencadeada por toda a classe operária em princípios de Março. Em 1963, a classe iniciou uma ampla recolha de assinaturas, recolhendo mais de 1.400 para uma exposição que enviou ao ministro das Corporações e ao delegado do I.N.T.P.

Nessa exposição de 9 pontos, a classe reivindica 70% de aumento de salários, garantia dos 6 dias de trabalho, abolição das multas e castigos, mais dias de férias, feriados sem compensação em horas suplementares, maior e melhor assistência médica, etc.

LANIFICIOS DELGADO (VILA FRANCA DE XIRA)

Há tempos que nesta fábrica estão a despedir os trabalhadores mais idosos, mandando-os para casa, uns com reforma e outros sem nada. Para os substituir, tem mandado vir operários da Covilhã.

É sempre assim! Os patrões exploram-nos enquanto podem, isto é, enquanto temos «carne» para lhes dar, e depois mandam-nos embora quando resta só os «ossos»!

Companheiros dos lanificios de Vila Franca! O que agora atinge alguns companheiros nossos, atinge-vos-à amanhã a vós próprios. A luta deles contra os despedimentos é a vossa luta e, como tal, deveis ajudá-los por todas as formas ao vosso alcance. Deveis aproximar-vos dos nossos companheiros da Covilhã e falar com eles, elucidando-os da justiça da luta, mostrando-lhes que ela é também a sua luta, que os vossos interesses não se contradizem, antes pelo contrário.

Vamos companheiros de Vila Franca! Lutemos contra os despedimentos e as reformas forçadas!

Até hoje, ainda nenhum destes pontos a classe viu satisfeitos.

Em Junho deste ano, passado um ano e tal, um grupo de operários têxteis foi ao I.N.T.P. sendo recebido pelo delegado Fonseca — chefe dos serviços administrativos do Sindicato Têxtil — e pelo Presidente da Assembleia Geral do Sindicato.

Como não podia deixar de ser, não faltaram promessas demagógicas do delegado e descartes sobre a miserável situação em que vive a classe. Disse que a classe tem razão. Que os salários têm que aumentar e se OS PEQUENOS NÃO AGUENTAREM TÊM QUE ARREAR; que ele só não pode resolver nada sem um acordo patronal e que em Agosto do corrente ano iria propositadamente a Lisboa tratar dos aumentos.

O objectivo da demagogia de dois inimigos da classe

O objectivo da demagogia do delegado do I.N.T.P. do Porto e do Jorge de Melo no Barreiro é de adiar, adiar e não satisfazerem os aumentos de salários e outras reivindicações da classe.

Mas, se os operários têxteis do Barreiro forem para outras formas de luta, como a diminuição da produção, concentrações junto da gerência e mesmo para a greve, o Jorge de Melo será obrigado a integrar no salário os 4500 de prémio da chamada «actividade». Se se concentrarem em massa no Sindicato, à porta ou lá dentro, quando a direcção estiver reunida, esta ver-se-á forçada a comparecer à já prometida Assembleia Geral extraordinária para discussão das reivindicações da classe.

Se os operários têxteis do Porto começarem a luta nas suas respectivas empresas com concentrações junto dos patrões ou da gerência, como têm feito os operários da CALANDRA DO BONFIM, da VITÓRIA e da JUTA de Matosinhos, que têm conseguido aumentos de 2550 a 4500; se a classe for para concentrações junto do Sindicato, do I.N.T.P., para a diminuição e mesmo para a greve, enquanto as suas reivindicações não forem satisfeitas; se toda a classe no Norte se unir e exigir um Contra-

to. Colectivo de Trabalho (pois já existe o Grémio de Industriais Têxteis do Norte e já não se justifica o Acordo), mas não do tipo do último, que apenas veio oficializar os aumentos que tinha havido e que agora estão já ultrapassados novamente, pois de uma maneira geral a classe ganha mais 55, 65 e 7500 do que consta no último A. C. de Trabalho assinado em 15 de Dezembro de 1960; se não consentirmos um minuto de sossêgo nos nossos exploradores — as reivindicações por que há um ano lutamos sem serem satisfeitas, serão num prazo de tempo mais curto.

Hoje somos mais fortes

Hoje temos condições que não tínhamos no passado. Além do apoio que os comunistas sempre nos têm dado, temos o apoio dos católicos. Ambos estão conosco na nossa luta. O jornal católico «VOZ DO TRABALHO», no seu número nº 185 de Junho 1964, publicou as reivindicações da classe.

A luta do povo português é acompanhada no estrangeiro. Existe solidariedade. Só a F.S.M. enviou mil dólares (cerca de 29 contos) para os pescadores do Algarve que estiveram 12 dias em greve e da qual saíram vitoriosos.

Mãos à obra companheiros têxteis! Conosco estão todos os explorados e oprimidos e pessoas de bem! Formemos Comissões de Unidade e de Classe! Não podemos esperar mais. Os nossos estômagos e o dos nossos familiares não se alimentam com as promessas do patronato e dos que defendem os seus interesses. Temos fome. Nunca a fome se matou e jamais se matará com promessas!

UNIDOS E ORGANIZADOS PARA A ACÇÃO desencadeemos uma luta vigorosa, sem tréguas, até conquistarmos totalmente as nossas reivindicações!

Rádio Voz da Liberdade

TRANSMITE ÀS QUARTAS
E SÁBADOS DAS 0H.15M.
EM DIANTE EM 25 E 320
METROS.

Atenção às eleições sindicais!

(continuação da 1ª pág.)

tada, pouco mais conseguem tirar de salário que a tabela mínima (27\$00) por defeitos na obra, motivados pela má qualidade do fio.

Quando trabalham com bom fio e conseguem ultrapassar o salário máximo (29\$40) que consta no A. C. T., o patrão nunca lhes paga mais.

São estes dois inimigos nº 1 da classe que ocupam os lugares mais destacados no Sindicato para o qual a classe desconta as suas cotas; são estes dois «fantoques» submissos ao patronato e aos dirigentes dos organismos corporativos, mas rispídios para a classe sempre que são chamados a defender os seus interesses; são eles ainda que nos impedem de nos juntarmos no Sindicato para discutirmos os nossos problemas, e se recusam a receber as exposições com as respectivas assinaturas que contém as reivindicações da classe. Que fazer então? Correr com eles e os da sua laia da direcção do Sindicato para fora.

Como?—perguntarão alguns. Em 1964, a actual direcção do Sindicato termina o seu mandato. Pois bem: Constituímos, lá onde for possível, Comissões Sindicais que orientem a luta em cada empresa e entre as empresas da mesma zona e de toda a classe. Depois, falemos com os operários que tencionamos propor como candidatos à direcção do Sindicato e vejamos em pormenor se eles têm a sua situação sindical legalizada.

É necessário que a classe tenha sempre presente as normas legais que regem as eleições nos Sindicatos e que a sua não observância tem facilitado ao patronato e aos dirigentes fascistas manterem nos sindicatos as suas direcções «fantoques», tal como aconteceu na última eleição. Assim, temos estes dois pontos que devem merecer toda a nossa atenção.

1º — Só podem votar os trabalhadores que sejam sócios do Sindicato há mais de um ano e que tenham pago as suas cotas (pelo menos) durante igual espaço de tempo. — É importante observar que só se consideram sócios os trabalhadores que possuem o cartão do Sindicato ou a «carteira profissional, que tenham pago a jóia exigida estatutariamente, e que tenham adquirido um exemplar dos Estatutos do Sindicato, se os houver publicados.

2 — Só podem fazer parte da lista e ser votados os sócios que te-

nham pago as suas cotas há pelo menos 12 meses, e que tenham o exame de 2º grau de instrução primária.

Para ser aceite, a lista tem de ser entregue ao presidente da Assembleia Geral (e nunca ao presidente da Direcção) até 20 dias antes do 1º dia designado para a eleição.

A lista deve ser subscrita por um número de 10% do total dos sócios, não sendo no entanto necessário um número superior a 100 sócios. — É preciso igualmente ter em conta que os sócios que subscrevem a lista devem ter o cartão do Sindicato há mais de um ano, e pago as suas cotas durante igual espaço de tempo.

As listas deverão ter a forma rectangular com as dimensões de 15x10 centímetros em papel branco, liso, sem marca ou sinal externo, e deverão conter impressos ou dactilografados os nomes dos candidatos.

Pode-se substituir nas listas o nome de um ou mais candidatos, cujas candidaturas tenham sido igualmente apresentadas por forma regular, devendo a substituição ser feita a tinta, bem legível, ou dactilografada.

Se começarmos já a organizar a nossa luta com vista às eleições, de forma a levar a classe em massa ao Sindicato no dia das eleições para votar nos candidatos por nós propostos, as raízes que os Costas e Silvas, os Meireles & companhia estão criando na Direcção do Sindicato serão quebradas e eles, se quiserem, que continuem a servir o patronato e seus defensores, mas

não na direcção do Sindicato que diz representar a classe.

É necessário estarmos vigilantes para não sermos surpreendidos com o dia da marcação das eleições, que em princípio costumam ser no princípio do ano.

Para a frente companheiros! Lutemos por uma direcção composta por operários e operárias honrados que estejam dispostos a defender os interesses da classe.

Unidos e organizados, venceremos!

Comemoramos ...

(continuação da 1ª pág.)

cistas e democratas portugueses.

Nunca a classe têxtil deixou de estar presente nessas jornadas de confraternização republicana ou de manifestação anti-fascista, prestando homenagem aos que se bateram pela Liberdade e a Democracia na nossa Pátria.

Com mais razão ainda, no momento em que as nossas condições de vida pioram cada vez mais, dado o constante aumento do custo de vida, enquanto os salários se mantêm congelados e aumenta a exploração patronal com ritmos infernais de trabalho; no momento em que o governo fascista de Salazar leva a cabo uma fracassada guerra colonial cujas maiores consequências recaem sobre nós, — não devemos deixar passar em claro uma data nacional que o fascismo pretende apagar da nossa memória.

Transformemo-la num dia de luta pela conquista total das reivindicações que há um ano reclamamos.

Concentremo-nos junto dos patrões ou gerências das nossas respectivas empresas, no Sindicato e no I.N.T.P. e exijamos aumentos de salários.

Nesse dia façamos passeios de confraternização e discutamos os problemas que mais afligem a classe.

Protestemos junto das entidades locais contra o aumento do custo de vida.

Nos muros, nas paredes e nas estradas, façamos inscrições contra a guerra colonial, contra a repressão fascista, pela Paz e pela Democracia.

Onde for possível, façamos lançamentos de moirões e romagens às campas dos que se bateram pela Liberdade e a Democracia.

RÁDIO PORTUGAL LIVRE



Transmite nos seguintes horários. Das 8 às 8,30 h. da manhã em 50 metros. Das 20 às 20,30 h. e das 22,15 às 22,45 em 32 metros e das 0,30 às 0,50 em 36, 40 e 43 metros. Aos Domingos, em emissão especial, dedicada aos camponeses e agricultores, das 13 às 13,50 em 19, 20, 25 e 26 metros.